

A cidade e seus restos: de Samuel Rawet a Luiz Ruffato

Regina Dalcastagnè
Universidade de Brasília

Em 1956, quando o Brasil vivia seu momento de euforia desenvolvimentista e o campo literário aplaudia a publicação de *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, o surgimento de um pequeno livro, *Contos do imigrante*¹, de Samuel Rawet, passava quase despercebido. Suas narrativas iam na contramão do que se produzia ou se valorizava então. No lugar do regionalismo, uma literatura essencialmente urbana; em vez de mitos fundadores, o dia a dia doloroso de gente comum; antes de uma escrita rebuscada, o silêncio constrangedor de experiências que não se podem narrar; em vez da descrição de uma nação que ia rumo ao progresso, a história do que estava ficando pelo caminho, como restos nas margens das grandes cidades.

Se o livro não causou grande impacto à época – lembrando que será só nos anos 1970 que o conto e a temática urbana ganharão espaço em nossa literatura – ele adquire nova força com as releituras, podendo ser apontado como marco para toda uma linhagem de autores que busca inscrever em suas obras uma reflexão sobre as desigualdades presentes em nossas metrópoles. A proposta, aqui, é atar as duas pontas, ligando os contos de Samuel Rawet, de 1956, e *O livro das impossibilidades*², de Luiz Ruffato, de 2008. No meio do caminho, seria possível encontrar autores que trabalharam o mesmo tema com diferentes perspectivas estéticas e ideológicas, como Carolina Maria de Jesus, João Antônio, Clarice Lispector, Rubem Fonseca e Paulo Lins, por exemplo. Mas essas são trajetórias que já analisei anteriormente³.

O livro de contos de Rawet, sua obra de estreia, é composto de 10 narrativas: cinco delas envolvem protagonistas judeus, alguns recém-chegados, outros já acostumados com a vida no Brasil. As outras cinco são sobre brasileiros – jovens,

¹ Rawet, Samuel. *Contos do imigrante*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956. O livro foi incluído em Samuel Rawet, *Contos e novelas reunidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

² Ruffato, Luiz. *O livro das impossibilidades*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

³ Ver Dalcastagnè, Regina. “Contas a prestar: o intelectual e a massa em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector”. *Revista de Crítica Literária Latinoamericana*, nº 51. Hanover (NH, EUA) e Lima (Peru), 2000, pp. 83-98; “Cruzando fronteiras: três invasões na narrativa brasileira contemporânea”. *Cerrados: Revista do Curso de Pós-Graduação em Literatura*, nº 15. Brasília, 2003, pp. 56-65; e “Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº 20. Brasília, 2002, pp. 33-77.

velhos, evangélicos ou ateus, mas todos tão desenraizados e sem lugar quanto os imigrantes dos demais contos. Nesse volume, como em toda a sua obra que virá a seguir, o autor mantém suas personagens em constante movimento, seja pelas ruas da cidade, que, embora exclua e hostilize, ainda permite o fluxo, seja em torno das convicções alheias, que, estas sim, ferem e paralisam. Suas personagens desconfiam das tradições, quando não as renegam abertamente, assumindo as consequências. E, aqui, é possível incluir a própria tradição literária, uma instituição que se debate entre a necessidade de manutenção de seus parâmetros e o imperativo da renovação, sem a qual ela definharia.

A obra de Rawet é marcada pela consciência de que a narrativa tradicional não dá conta dessa nova matéria que ele encontra nas margens das cidades, dessas existências deslocadas. Daí a busca por uma construção narrativa também nova, marcada por seus entraves, por sua ansiedade – termo que tomo emprestado do crítico de arte norte-americano Harold Rosenberg. Para o autor, que pensava em alguns nomes do expressionismo abstrato, como Pollock, De Kooning e Hofmann, a “ansiedade da arte” não está absolutamente relacionada com a intensidade das angústias dos artistas, mas sim com a consciência dolorosa de que se a arte não envolve o criador com as dificuldades de seu tempo, ela se esgota em sua própria realização⁴. Isso porque “nenhum problema essencial da arte, salvo dificuldades técnicas, pode ser resolvido somente pela arte”⁵. A ansiedade surgiria, assim, “não como um reflexo da condição dos artistas, mas como resultado da reflexão que eles fazem sobre o papel da arte em outras atividades humanas” e se manifestaria, sobretudo, no questionamento da própria arte⁶.

Um questionamento que pode ser encontrado tanto nas falas das personagens de Rawet quanto em seu profundo silêncio, mas que se evidencia com muita clareza na escolha dos protagonistas que integrarão sua obra: crianças pobres achincalhadas, velhos cegos, moças desprezadas pela família, gente sem nenhum glamour, que circula anônima pelas cidades e só vez ou outra encontra abrigo em nossa literatura. Rawet parece recolher essa gente no momento mesmo em que o processo de modernização do país (do qual ele fez parte, como engenheiro calculista de Brasília, por exemplo) a empurra para fora de seus limites. Movimento que pode ser acompanhado em

⁴ Rosenberg, Harold. *Objeto ansioso*: Trad. de Vera Pereira. São Paulo: Cosac & Naify, 2004, p. 18.

⁵ Id., p. 23.

⁶ Id., pp. 19 e 20.

praticamente todas as narrativas do livro, mas que será observada aqui, especialmente, nos contos “Judith” e “Salmo 151”.

Já Luiz Ruffato, que estreia também com um volume de contos – *Histórias de remorsos e rancores* – 42 anos depois, encontra os protagonistas de seu romance, *O livro das impossibilidades*, em uma cidade cuja hierarquia espacial já está firmemente estabelecida. O livro é o quarto volume de *Inferno provisório*, um conjunto programado de cinco obras que pretende contar um pouco do Brasil das últimas décadas a partir do interior de Minas, da pequena Cataguases, de onde saem, em levas, trabalhadores para os grandes centros urbanos. Se nos volumes anteriores o leitor era convidado a transitar por entre imigrantes italianos, ex-pracinhas, meninos malcriados, frequentadores de botequim e tocadores de viola de épocas mais distantes – há um percurso temporal no projeto de Ruffato – neste quarto volume ele desembarca, junto das personagens, em plena ditadura militar, no final dos anos 1960. E dali prossegue, acompanhando trajetórias que vão dar nas favelas de São Paulo e nas prisões dos dias de hoje.

O livro se estrutura a partir de três narrativas diferentes, que não se comunicam diretamente, mas se completam em uma espécie de mosaico – recurso literário presente em toda a obra do autor, e metáfora impecável para as vidas que descreve. Vidas que lembram aqueles murais feitos com cacos de azulejos, que cobrem as fachadas pobres das casas dos trabalhadores brasileiros, aspirando à beleza e à individualidade. Na primeira história, o percurso da família que migra para São Paulo e vai se virando em meio à pobreza, graças à mulher que trabalha dia e noite enquanto o marido passa as horas enroscado no sofá, “inútil como a folhinha dois anos passada”⁷. Na segunda, a carta e as lembranças de um homem ainda apaixonado pela distante colega do colégio. Sua escrita é uma tentativa de retomar certa alegria da infância, ao mesmo tempo em que observa os pedaços que perdeu pelo caminho. Na terceira, duas narrativas correm paralelas – literalmente, uma vez que o texto está disposto em duas colunas –, contando a vida de dois meninos de Cataguases, da época da escola até a maturidade.

O tom de memorialismo que os resumos dos enredos parecem anunciar esbarra logo nas “impossibilidades” do título do livro. Não há resgate nem redenção nessas narrativas. Linha após linha, vemos o cerco se fechar em volta das personagens. Se no início da primeira história – uma bela homenagem às mulheres trabalhadoras – temos a jovem que se muda com o marido para a cidade grande, dá um jeito de trazer a família

⁷ Ruffato, *Op. cit.*, p. 18.

inteira e criar, orgulhosa, os filhos que virão, ao final ela aparece como a senhora cansada, que empurra sozinha o peso das responsabilidades do dia a dia. Da mesma forma, o homem da carta, na segunda história, parece ir se afogando no que conta, sendo arrastado pela certeza de que não pode mudar o que já é passado e tampouco imaginar um outro futuro.

Mas é a última parte do livro que pode causar algum estranhamento no leitor de Ruffato, mais acostumado com suas narrativas fragmentadas, onde o acesso à personagem é sempre parcial, como se apenas cruzássemos com ela, que segue caminhando e vai embora. Aqui, deixamos de ser os pedestres apressados e viramos testemunhas atentas. Zezé e Dinim são os meninos que crescem juntos em Cataguases e se separam na adolescência, se reencontrando mais tarde em São Paulo. Vão vivendo às margens, esbarrando nos muros e despencando nas ladeiras, cometendo pequenos delitos, que tomam proporções cada vez mais drásticas. Seguimos seus passos, frequentamos suas festas, entendemos seus medos. Terminamos junto de um deles, em 2001, dentro da prisão, sendo brutalmente torturado.

A vida na favela e a violência policial, bem como o desinteresse da sociedade por essa gente, já estavam presentes nos contos de Samuel Rawet. Em “Judith”, temos a história de uma moça judia que é desprezada pela família quando decide, contra toda a tradição, viver com o homem que ama: um trabalhador não judeu. A narrativa a apanha no momento exato em que ela volta, desesperada, para pedir ajuda à irmã. Seu marido havia sido assassinado em meio a uma manifestação sindical, e seu bebê, recém-nascido, a aguarda na favela, cuidado por uma vizinha. Mas ali, no conforto dos tapetes e sofás, no jeito vazio e resignado de “dona de casa judia” de sua irmã, ela não se reconhece, e entende que o preço a pagar por um retorno seria alto demais: submeter-se a ser o que não era. No tenso diálogo que não se efetua com a irmã, Judith percebe que não tem o que lhe dizer e volta, ansiosa e cheia de esperança, para casa, sabendo que conduzirá a própria vida (como a mulher da primeira narrativa do livro de Ruffato).

Se nesse conto a favela é o “lugar lá fora” da narrativa, “Salmo 151” se passa integralmente dentro dela e, uma vez que é pela perspectiva de um velho operário cego que acompanharemos a história, a favela chega até nós através de seus cheiros, seus sons, suas texturas, seus deslocamentos. Aqui, temos o embate entre o velho sem fé, Caetano, e o evangélico negro, Gamaliel, que pretende convertê-lo em longas ladainhas. O diálogo entre os dois (que podem ser sogro e genro, ou apenas dois amigos) é composto basicamente das lembranças entrecortadas de um e da recitação bíblica do

outro, que parecem nunca se encontrar. É apenas na dor – o menino de Gamaliel está morrendo ali do lado, sem atendimento médico – que os dois homens podem compartilhar alguma coisa, sem epifanias, sem redenção, apenas a compreensão de uma experiência que nega a segurança de qualquer discurso pronto, seja o religioso, seja o literário (quando nos apresenta pessoas como Caetano e Gamaliel como simples elementos da paisagem⁸).

O que mais impressiona nessas narrativas é a intensidade dos sentimentos e a sofisticação na elaboração das personagens, especialmente em sua interação com a cidade. Há uma tendência na literatura brasileira contemporânea em abordar os pobres se não de forma estereotipada, ao menos de um modo distante, recorrendo muitas vezes a uma “objetividade jornalística” que nos coloca diante de gestos e ação, mas não de pensamentos e reflexão (o que parece área reservada para as personagens da classe média e das elites). Rawet quebra esses pressupostos lá atrás, construindo representações de pobres que trazem outras preocupações além da fome e da violência. São pessoas, afinal, com sonhos e dignidade, embora constrangidas pela situação econômica. Podemos nos envolver em seus dramas sem o apelo fácil ao nosso vago sentimento de culpa de classe média.

Essa abertura para experiências alheias – e me refiro aqui não só às vivências do autor, mas, principalmente, às do leitor brasileiro, já bastante adaptado a determinados perfis de personagens – é frequente também na obra de Luiz Ruffato. No lugar dos intelectuais e artistas que circulam com desenvoltura por tantos romances e contos, ele empurra para dentro da trama costureiras e operárias cansadas; em vez de traficantes sanguinários (e exóticos), traz ladrões baratos que tropeçam nas próprias pernas ou homens bêbados, envergonhados por não conseguirem sustentar os filhos. Enfim, um bando de trabalhadores pobres, de desempregados, de migrantes fracassados que ignoram a placa de “não há vagas” e se instalam ali, onde “não é o seu lugar”. Eles entram e vão carregando consigo suas frustrações, seu cheiro de suor, seus objetos de plástico e suas mesas de fórmica, transportam sua vida mais íntima, impregnada de sonhos.

⁸ Como em “Sarapalha” de Guimarães Rosa: “É aqui, perto do vau de Sarapalha: tem uma fazenda, denegrída e desmantelada; uma cerca de pedra-seca, do tempo de escravos; um rego murcho, um moinho parado; um cedro alto, na frente da casa; e, lá dentro, uma negra, já velha, que capina e cozinha o feijão. Tudo é mato, crescendo sem regra; mas, em volta da enorme morada, pés de milho levantam espigas, no chiqueiro, no curral, no eirado, como se a roça se tivesse encolhido para ficar mais ao alcance da mão”. Rosa, Guimarães. *Sagarana*. São Paulo: Círculo do Livro, 1991, p. 106.

Zezé e Dinim não são vistos por aí, com arma em punho, exigindo “aquilo que a sociedade lhes deve” ou atirando para ver se “os bacanas grudam na parede”, como em algum conto de Rubem Fonseca, e também não são apresentados como as abstratas e passivas “vítimas do sistema”. São construídos como indivíduos, envoltos em suas circunstâncias e marcados pelos limites que lhes são impostos – assim como a Nelly e o Aílton, das outras duas histórias. Como as obras anteriores de Ruffato, esse livro é extremamente violento. Mas, ao contrário de boa parte da produção literária atual, não somos nós – leitores de classe média – o alvo: não é o nosso corpo, o nosso carro, os nossos filhos que estão sob a mira. São *eles* os protagonistas, sufocados por impossibilidades que se duplicam a cada gesto, a cada movimento.

Tanto as narrativas de Rawet quando os romances de Ruffato tecem vidas que não se encontram nos noticiários policiais, tampouco se concretizam nos números das estatísticas sociais, mas que chegam até nós como experiência humana graças às possibilidades da escrita. Os dilemas da modernização do país, o entrelaçamento entre urbanização, isolamento e exclusão encontram nas obras dos dois escritores uma representação sofisticada, que repercute em suas opções formais e que é extremamente valiosa para se pensar a relação que estabelecemos com nossas cidades e com aqueles que permanecem às suas margens, em seus quartos de despejo.